

**AS INVASÕES BÁRBARAS:**  
**COLAPSO DO CAPITALISMO, NÃO DO SER HUMANO**

**Fernando Marineli\***

Re-assisti recentemente ao filme *Invasões Bárbaras* (2003), do diretor Denys Arcand, e uma boa impressão me move a sustentar algumas considerações.

Trata-se de um drama que narra os momentos finais da vida de um professor universitário do Canadá, doente de câncer em estágio terminal. Suas relações familiares haviam se decomposto, pois não vivia mais com sua esposa e com seus dois filhos nem sequer mantinha contato. O estranhamento em sua atividade fica ilustrado de saída numa ocasião em que se despede de seus alunos, deixando claro se afastar “por motivo de saúde”, recebendo como retorno apenas uma pergunta sobre o prazo de entrega dos trabalhos. Isso numa cena que mostrava a postura dos universitários: superficiais por excelência, uma ilustração cujo móvel é autêntico, ainda que se concretize por uma alegorização tópica que, felizmente, não volta a ocorrer.

Sua esposa, Louise, mesmo tendo se afastado fisicamente do marido devido às inúmeras aventuras amorosas de Rémy, nutre uma ternura que a move a estar perto dele; mais que isso, esforça-se por dar conta de todas as responsabilidades com que repentinamente se depara. O contato com o filho e a súplica por sua presença é ponto fundamental deste cuidado. O filho de Rémy, Sébastien, um trabalhador do mercado de capitais em Londres – hoje, setor-chave para a economia –, apesar de resistente, pela distância afetiva em relação a seu pai, dirige-se ao Canadá e, logo após alguns desentendimentos com Rémy, torna-se resoluto a voltar atrás rapidamente. É quando sua mãe intervém, declarando que o pai, apesar de tudo, sempre havia zelado muito por ele: “ligava aos seus professores até no tempo da faculdade”.

A situação incômoda remete-o a pensar em como ajudar seu pai, já que Rémy encontra-se internado em um hospital público do Canadá (onde o sistema de saúde foi inteiramente estatizado) e passa por uma série de inconvenientes ocasionados pela superlotação, atendimento inadequado, falta de equipamentos, entre outros problemas. Resistente, brada Rémy: “eu lutei pela estatização, portanto, tenho que arcar também com as conseqüências”. Sébastien, entretanto, leva-o para os Estados Unidos, a fim de realizar exames mais detalhados, e resolve usar o dinheiro que possui para subornar a diretora do hospital e o sindicato (com representantes nos locais de trabalho gozando benefícios legais e tendo na corrupção uma atividade corrente), com o objetivo de montar um quarto digno para Rémy num andar em desuso, onde este pôde receber os grandes amigos de outrora.

O reencontro com seus amigos intelectuais, chamados por iniciativa de Sébastien, é sintomático para uma geração imbuída de teorias esgotadas moralmente: eles fazem lembrar suas aventuras sexuais “livres”<sup>[1]</sup>, suas frustrações na atividade do magistério e na academia, admitindo sua falência teórica. Mas a aproximação sincera e as atitudes dos amigos, proporcionando alguns prazeres derradeiros a Rémy e, sobretudo, apoiando-o em sua decisão extrema, a eutanásia, indicam a importância desta relação essencial que fortificou a todos, ainda que de modo restrito.

Um ponto muito importante é, justamente, este final configurado pela morte de Rémy por overdose induzida, viabilizada por uma antiga amiga de Sébastien, dependente de heroína, cuja aproximação deve-se a uma tentativa de aliviar as dores que já consumiam seu pai. Neste movimento, a garota rompe um círculo vicioso a que se submetia e passa a tomar uma dimensão mais concreta não das conseqüências do uso de drogas – sobre o que todos possuem conhecimentos bastantes –, mas sim de possibilidades de vida para as quais não atinava, o que a move em busca da desintoxicação.

Nesta relação, estabelecida de modo tortuoso, o filho de Rémy vê-se envolvido por alguém que questionava sua conduta seca e calculista; Sébastien é um *yuppie*, em certa medida oposto às aspirações da geração de seu pai. É importante notar que não se trata meramente de um conflito de gerações, e sim de uma contraposição entre subjetividades formadas em tempos históricos diferentes: ao pai falta atinar para as transformações ocorridas, e ao filho falta a dimensão das relações humanas. Um aspecto paralelo posto em função do drama torna-se a sensibilização de Sébastien.

Trata-se de um bom filme que *indica* problemas sociais presentes no solo genético da ação (e não um conjunto apriorístico de elementos a serem apresentados na primeira oportunidade): estranhamento no trabalho, pauperização dos trabalhadores, colapso do Estado de bem-estar social, esgotamento ideológico. A miserabilidade sempre em evidência, o papel central e resolutor do dinheiro, a delucidação do esgotamento teórico das propostas acadêmicas são constatações fundamentais que ganham sentido na medida em que se faz presente a noção, ainda que por vezes abstrata, da necessidade de libertação humana destas restrições: rompe-se ativamente com uma série de imperativos morais e, principalmente, encontra-se espaço para relações humanas mais autênticas, e nisso reside o que pode ser considerado o mérito do filme.

O importante é que tudo ocorre por meio da caracterização de indivíduos em vida de um modo que pode ser considerado feliz, sem a falsidade de quem quer se referir à totalidade de caracteres da vida social a partir de meia dúzia de modelos que tudo comportam. Há, portanto, personagens em ação numa situação específica, sem a caricatura tão presente em diretores que, ao se pretenderem realistas, não fazem mais do que uma “crítica social” tão contundente quanto vazia de conteúdo humano. Não obstante, mesmo orbitando um drama extrínseco à trama propriamente – a doença terminal (e aí talvez possa residir uma crítica fundamental) –, o filme corre com encadeamento orgânico e com simplicidade na trama dos fatos que se reflete também na sua forma distante das invencionices características da maior parte da produção cinematográfica atual – como se uma

inovação formal fosse algum tipo de panacéia para um conteúdo que não se consegue atingir.

Para finalizar, retomando algo apontado acima sobre o que constitui o drama: a doença terminal de Rémy é artifício exterior à trama, exterior à ação de pessoas propriamente. O filme é um trabalho muito bem construído – uma crítica negativa não poderia recair sobre a trama ou mesmo sobre sua forma geral –, mas cujo fundamento é forjado pela ausência de matéria dramática. A palavra *drama* tem ascendência no termo grego *dróntas*<sup>[2]</sup> que significa *ação, atividade*; o nó górdio a se enfrentar hoje é justamente a busca por alargar o campo de possíveis. Fato é que vivemos possibilidades restritíssimas, mas descartar substância humana é impostura a que este filme não se rende. O ceticismo cego deve ceder lugar às relações humanas bem apreendidas.

Numa reflexão derradeira, confluindo o que aqui foi dito: o distanciamento dos compromissos habituais, que ocasionam uma proximidade compulsória, permite a compreensão da importância e necessidade da amizade pautada por parâmetros outros que aqueles da sobrevivência imediata e do pragmatismo cotidiano. Porém, não se pode aceitar que alguma doença terminal seja o *moto* de tais vivências que hoje faltam.

---

\* Sociólogo, formado pelo Centro Universitário Fundação Santo André.

<sup>[1]</sup> Vide *O Declínio do Império Americano* (1986), um filme do mesmo diretor, bastante inferior, no qual tais personagens refletem sobre sua condição humana pobre e esquemas teóricos falidos; aqui eles se reencontram quase duas décadas depois.

<sup>[2]</sup> Retirado da tradução brasileira (Nova Cultural, 2000) da *Poética* de Aristóteles.